

2026

# Anais

**SEMANA ACADÊMICA DA FACULDADE FIDELIS 2024**

**Herança, Presença e Futuro: 20 Anos da Faculdade Fidelis**

11 a 12 de novembro de 2024

Local

Faculdade Fidelis, Curitiba, PR

<https://www.even3.com.br/e/semana-academica-fidelis-2024-490100>

REVISTA

Cognition

ISSN 2674-5593

## **ANAIS DA SEMANA ACADÊMICA DA FACULDADE FIDELIS 2022**

### **Herança, Presença e Futuro: 20 Anos da Faculdade Fidelis**

Uma publicação da Revista Cógnito  
Semana Acadêmica da Faculdade Fidelis  
Relevância Social  
Curitiba, PR,  
11 a 12 de novembro de 2024

**Coordenação Editorial**  
Katiane Janke Krainski

**Compilação**  
Katiane Janke Krainski

**Projeto Gráfico e Diagramação**  
Katiane Janke Krainski

<https://www.even3.com.br/e/semana-academica-fidelis-2024-490100>  
Abril de 2026

## ANAIS DA SEMANA ACADÊMICA DA FACULDADE FIDELIS 2024

### COMISSÃO ORGANIZADORA

#### **Organização Geral:**

Clayton Lima de Souza  
Katiane Janke Krainski  
Michele Sampaio da Silva

#### **Comissão Científica:**

Clayton Lima de Souza  
Katiane Janke Krainski  
Michele Sampaio da Silva

#### **Comissão Divulgação**

André Warkentin

#### **Comissão Palestrantes**

Clayton Lima de Souza  
Katiane Janke Krainski  
Michele Sampaio da Silva

#### **Comissão Inscrições**

Bruna Cristine Pizzaia

#### **Patrocínio**

Faculdade Fidelis

#### **Comissão Secretaria**

Bruna Cristine Pizzaia

# Sumário

<b>SEMANA ACADÊMICA DA FACULDADE FIDELIS 2024</b> .....	1
20 ANOS DE FACULDADE FIDELIS EM CURITIBA: RELEVÂNCIA SOCIAL DE SUA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO .....	5
Resumos categoria Pedagogia .....	7
CUIDAR E EDUCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	8
A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	9
A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	11
FORMAÇÃO DO PROFESSOR E PEDAGOGO FRENTE ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS .....	13
INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O PAPEL DO PROFESSOR .....	15
A IDENTIDADE DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	17
Resumos categoria Psicologia .....	18
TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS E A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO .....	19
AVALIAR AS INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS DESENVOLVIDAS, E IDENTIFICAR POTENCIALIDADES E LACUNAS NAS INTERVENÇÕES EM INDIVÍDUOS ALCOOLISTAS .....	21
IMPACTOS EMOCIONAIS DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA .....	23
EXTENSÃO EM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL .....	25
A RELEVÂNCIA DA PSICOEDUCAÇÃO VOLTADA PARA A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO NA COMUNIDADE TERAPÊUTICA FAZENDO A DIFERENÇA-FAZDI .....	27
CUIDADOS HUMANIZADOS EM SAÚDE .....	29
LUTO INFANTIL .....	30
Resumos categoria Teologia .....	37
O FENÔMENO DO TERCEIRO TEMPLO JUDAICO .....	38
PERSEGUIÇÕES DOS CRISTÃOS NO IMPÉRIO ROMANO .....	40

## **20 ANOS DE FACULDADE FIDELIS EM CURITIBA: RELEVÂNCIA SOCIAL DE SUA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO**

**Mariluce Emerin de Melo August<sup>1</sup>  
Hartmut August<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

O conhecimento produzido pela Faculdade Fidelis em Curitiba e a relevância social deste conhecimento é o tema desta pesquisa do tipo documental. O estudo pretendeu analisar a relevância dos temas escolhidos pelos estudantes dos cursos de Teologia e Pedagogia nos 20 anos de existência da instituição. Para isso, foi realizado um levantamento de todos os títulos de trabalhos impressos de conclusão de curso (TCC) encontrados na biblioteca da instituição, como também nos arquivos de seu repositório virtual entre os dias 1 a 3/10/2024. Foram encontrados 206 trabalhos datados entre os anos 2008 a 2024, dos quais 36 são do curso de Pedagogia (graduação) e 170 do curso de Teologia (graduação e pós-graduação). O tema mais frequente foi de evangelismo e missões (21), incluindo missão urbana, transcultural e integral, seguido pelos temas que incluem o funcionamento da igreja, culto, louvor, pregação (17). O tema do aconselhamento conta com 15 produções, o de vida cristã e suas implicações conta com 15, e os temas bíblicos mais diretos são 9. Capelarias conta com 7 produções e responsabilidade social engloba 6. Outros assuntos também foram escolhidos como temas de história (5), grupos pequenos (4), discipulado (3), desigrejados (4), educação cristã (4), jovens (4), educação financeira (4), evasão escolar e currículo 3) entre outros em menor número, como aborto, sexualidade, suicídio, abuso sexual, conflitos, crise, violência, divórcio, pessoas sozinhas, ministério de mulheres, jovens, crianças, pais e filhos, cuidado da família pastoral, do missionário e ecologia. Um assunto muito trabalhado tanto pela pedagogia como pela teologia é a questão dos desafios de pessoas de inclusão na igreja (3) e de estudantes na escola (9), em função da alta demanda de pessoas com dificuldades de aprendizagem na sociedade atual. O tema do sofrimento (4) também foi abordado, assim como o da morte e luto (5) tanto por estudantes de teologia como de pedagogia. Assuntos como letramento, estímulo à leitura, bilinguismo, desafios da educação infantil, da aprendizagem de matemática, a importância do brincar para o desenvolvimento cognitivo e as diversas aplicações da pedagogia como a hospitalar e a empresarial foram amplamente estudados no curso de pedagogia. Também foram produzidos dois materiais didáticos como trata de TCC. A diversidade de temas foram pesquisados a partir de lacunas e problemas detectados pelos pesquisadores na sociedade. A produção científica, nesse sentido, busca soluções para que a vida humana se torne cada vez melhor. Tanto a igreja quanto a escola precisam ser relevantes para a sociedade. E toda a produção está disponível para a comunidade. Algumas estão publicadas em revistas científicas como a Cognition, da Fundação Educacional Menonita, e estão disponíveis gratuitamente online. Conclui-se que a Faculdade Fidelis produz conhecimento relevante para os principais problemas sociais cumprindo o propósito de toda instituição de ensino superior.

**PALAVRAS-CHAVE:** Produção de conhecimento. Curso superior. Faculdade Fidelis.

<sup>1</sup> Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Bacharel em Psicologia e Teologia pela Faculdade Fidelis.

<sup>2</sup> Docente do Curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Fidelis.

# Resumos categoria Pedagogia

## CUIDAR E EDUCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Elisabete Plantes dos Anjos Vogel<sup>1</sup>  
Vaniza Sezinando Sant'ana<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo destaca a relação entre cuidar e educar na educação infantil, ressaltando a abordagem integrada nos primeiros anos e a importância das práticas para o desenvolvimento infantil. Este estudo destaca a integração entre cuidado e educação para o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 3 anos, reforçando a importância de políticas públicas de apoio. Abordagem qualitativa analisa vivências de educadores e famílias em contextos sociais e históricos para compreender interação educacional e afetiva. A integração de cuidado e educação é essencial para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, criando um ambiente propício para o aprendizado e promovendo desenvolvimento holístico. Estudo destaca equilíbrio entre cuidado e educação para desenvolvimento infantil e necessidade de políticas públicas. O dilema entre cuidado e educação em instituições de ensino infantil afeta o desenvolvimento de crianças de 0 a 3 anos, resultando em práticas ineficazes. A pesquisa explora a relação entre cuidado e educação na educação infantil com dados históricos. Destaca a importância da integração entre cuidado e educação no desenvolvimento holístico das crianças, favorecendo aprendizado e crescimento emocional em ambientes acolhedores e seguros. O artigo recomenda a implementação de políticas públicas para integração entre cuidado e educação, formação contínua de educadores e conscientização sobre a importância da colaboração entre pais e comunidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil. Cuidar e Educar. Pedagogo-professor.

### REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Jociane Modesto de; MORAES, Josianny Aparecida da Costa; SILVA, Lucia Aparecida da; BRITO, Márcia Benedita da Silva; RODRIGUES, Ericka Gomes; SOUZA, Meire Lucia da Silva. O cuidar e educar na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 8, n. 7, p. 1374–1388, 2022. DOI: 10.51891/rease.v8i7.6437. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/6437>

LINHARES, Francisco Reginaldo; Macedo, Sheyla Maria Fontenele. **O pedagogo-professor na educação infantil: desafios na relação teoria e prática do cuidar e educar**. Anais V SETEPE. Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/8218>>. Acesso em: 18/05/2026 13:41

<sup>1</sup> Discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Fidelis.

<sup>2</sup> Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Fidelis.

## A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jessica Cristina Ferreira Henkel<sup>1</sup>  
Joselia da Silva Ribeiro de Souza<sup>1</sup>  
Vaniza Sezinando Sant'ana<sup>2</sup>

### RESUMO

Este estudo explora a relevância do brincar no desenvolvimento infantil, tanto em crianças típicas quanto atípicas, ressaltando seu papel fundamental na aprendizagem, socialização e promoção da autonomia. O brincar é um direito garantido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo uma prática essencial para a educação inclusiva. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, investigando como atividades lúdicas promovem o desenvolvimento emocional, cognitivo e motor das crianças, e defende a necessidade de ambientes inclusivos para garantir o desenvolvimento integral. Conclui-se que a valorização do brincar é crucial para uma educação que respeita a diversidade e fomenta a formação de indivíduos socialmente conscientes e empáticos. O brincar é amplamente reconhecido como uma atividade central no desenvolvimento da criança englobando aspectos emocionais, sociais e cognitivos. Autores como Piaget (1976) e Vygotsky (1989) já discutiam a importância do brincar como meio de aprendizagem e de interação social, afirmando que, através das brincadeiras, as crianças experimentam o mundo, aprendem regras sociais e desenvolvem habilidades motoras. Este estudo se aprofunda na importância do brincar, com foco na inclusão de crianças típicas e atípicas, destacando a necessidade de ambientes educativos que acolham a diversidade e promovam o desenvolvimento integral. A pesquisa traz abordagem qualitativa, que, permite uma compreensão aprofundada das interações humanas e do impacto dos contextos de aprendizagem no desenvolvimento infantil. As observações foram realizadas em ambientes escolares que promovem o brincar como parte integrante da prática pedagógica. Atividades lúdicas como contação de histórias, jogos e brincadeiras no parque foram analisadas quanto à sua eficácia na promoção da autonomia, inclusão social e desenvolvimento cognitivo das crianças. Para as crianças atípicas, as práticas foram adaptadas para atender às necessidades individuais, garantindo um ambiente inclusivo e acolhedor. Segundo Antunes (2014), o brincar inclusivo é uma estratégia eficaz para fomentar a empatia e o respeito às diferenças, criando um espaço onde todas as crianças podem se desenvolver de maneira plena. Conclui-se que o brincar é crucial no desenvolvimento infantil, sendo um meio poderoso de inclusão social e aprendizagem. A valorização do brincar, especialmente em ambientes inclusivos, contribui para o desenvolvimento emocional, cognitivo e motor das crianças, favorecendo uma educação mais justa e inclusiva. Além disso, conforme defende Huizinga (2000), as brincadeiras são fundamentais para o fortalecimento de habilidades sociais, como o respeito mútuo e a empatia. As instituições de ensino, devem garantir tempo e espaço para o brincar, assegurando que todas as crianças tenham acesso a práticas lúdicas de qualidade, conforme estabelece a BNCC (Brasil, 2017).

**PALAVRAS-CHAVE:** Autonomia 1. Aprendizagem 2. Brincar 3. Desenvolvimento Infantil 4. Inclusão 5.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. (2014). **Brincar e aprender: Como o desenvolvimento cognitivo e social das crianças pode ser potencializado através do brincar**. São Paulo: Vozes.

BRASIL. (2017). **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação.

HUIZINGA, J. (2000). **Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva.

MINAYO, M. C. S. (2001). **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec.

PIAGET, J. (1976). **A formação do símbolo na criança: Imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar.

VYGOTSKY, L. S. (1989). **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes.

<sup>1</sup> Discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Fidelis.

<sup>2</sup> Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Fidelis.

## **A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Rosangela Vernek Galiotti<sup>1</sup>**  
**Maria Eduarda Custódio Da Silva<sup>1</sup>**  
**Uhene Eloize De Andrade<sup>1</sup>**  
**Emanuely Doro<sup>1</sup>**  
**Maria Eduarda Baraus Lima<sup>1</sup>**  
**Tatiana Laiz Freitas Da Fonseca De Oliveira<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

A partir de muitos olhares, de estudantes da área da educação, pesquisadoras em busca de respostas para seu trabalho de conclusão de curso, lançam seus olhares sobre a relação entre família, escola e inclusão, o qual pode-se traçar um caminho para chegar a este tema o qual tem-se como “Os diversos aspectos da inclusão”. Esta pesquisa tem como objetivo entender essa relação entre as partes e analisar como isso pode contribuir para o desenvolvimento humano da criança. Para tanto, procurou-se ter uma maior compreensão sobre a inclusão e entender como nós, profissionais da educação, pedagogos, podemos contribuir para que essa relação tenha um laço mais que profissional entre família e escola, estabelecendo não só confiança entre as partes, mas a amorosidade para que assim seja possível desenvolver a autonomia e assim que haja de fato o processo de ensino e aprendizagem de nossos estudantes. O referencial teórico desta pesquisa, sobre diferentes olhares, teve como base autores como: Piaget (1973), Vygotski (1984), Brasil (1996), Freire (2011), Oliveira (2021), entre outros. Este trabalho trata-se de um recorte de vários trabalhos os quais trata-se de um grupo de estudantes do curso de Pedagogia as quais estão construindo o seu projeto de pesquisa para a conclusão de curso, portanto teve-se como desenvolvimento metodológico a pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso por se mostrar adequada à problematização proposta. Segundo Triviños (2013, p. 128), a pesquisa qualitativa “tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave”, supondo o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente, no caso, a inclusão na Educação. Para esta pesquisa procurou-se saber o porquê que muitas famílias ainda não têm um certo conhecimento sobre o real papel da escola no que diz respeito a inclusão, pois, muitos acreditam no princípio básico do próprio cuidado da criança. Para esta pesquisa, procura-se estabelecer, meios das quais, as famílias possam estar cientes do que acontece com seus filhos a partir de atividades onde os responsáveis possam participar ativamente, tecendo uma relação mais próxima e assídua de conversa entre os pares, escola e família. Com esta pesquisa entendeu-se que, com algumas práticas e com um olhar mais reflexivo entre pedagogo, escola e família, pode assegurar a segurança da inclusão em sala de aula. Outra prática pesquisada está sobre a coordenação motora na educação infantil desempenha um papel crucial no desenvolvimento global das crianças, integrando aspectos físicos, cognitivos e sociais. A capacidade de controlar movimentos do corpo de forma precisa se divide entre a coordenação motora grossa, que envolve grandes músculos em atividades como correr e pular, e a coordenação motora fina, ligada ao uso dos pequenos músculos das mãos e dedos, fundamentais para tarefas como escrever e desenhar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil. Inclusão. Práticas Reflexivas

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 01 DE OUTUBRO DE 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

OLIVEIRA, T. L. F. F. Paradigmas da Complexidade na Formação continuada do professor de Matemática: caminhos a serem trilhados para uma educação na Era digital. 2022. 236 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR, Curitiba, 2022.

PIAGET, J. **Para onde Vai a Educação?** Rio de Janeiro: Editora Unesco, 1973.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2013.

VYGOTSKY, L.S. **Formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1984

<sup>1</sup> Discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Fidelis.

## FORMAÇÃO DO PROFESSOR E PEDAGOGO FRENTE ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Tatiana Laiz Freitas Da Fonseca De Oliveira<sup>1</sup>  
Vaniza Sezinando Sant'ana<sup>2</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma investigação sobre os fatores que contribuem e influenciam a formação continuada do professor e pedagogo frente às tecnologias digitais a partir de um pensamento complexo. A fundamentação dessa pesquisa está alicerçada em conceitos sobre o paradigma da complexidade, em especial, contributos de Edgar Morin, Moran e Behrens, sobre a educação necessária para o século XXI. Com relação à Formação de Professores, analisamos o trabalho de Morin (2000): Sete saberes necessários à educação do futuro, Moran (1995, 2006): Metodologias Ativas para uma educação inovadora e Behrens (1996, 2019): Teoria da complexidade: contribuições epistemológicas para uma pedagogia completa e Sá (2019): Teoria da Complexidade: contribuições epistemológicas e metodológicas para uma pedagogia complexa, entre outros. Os autores mencionados nesta pesquisa defendem a ideia de que existe a necessidade de uma transposição paradigmática, rompimento com o paradigma newtoniano-cartesiano, que durante centenas de anos propõe uma educação onde o conhecimento é fragmentado. O paradigma newtoniano-cartesiano possui uma fundamentação a qual está baseada em métodos de ensino que privilegiam a decoreba bem como atividades pedagógicas que estimulam o trabalho individual. Segundo Schon, (1992, p. 21) a formação de professores bem como pedagogos, profissionais da educação, não pode ser vista ou praticada à base da mera racionalidade técnica, pois a atividade profissional segundo o autor consiste na solução instrumental de um problema feito pela rigorosa aplicação de uma teoria científica ou uma técnica. Tem-se por exemplo que no século XX o professor era visto como um técnico que centralizava suas práticas a partir de modelos didáticos ou a partir do conhecimento específico da sua disciplina de formação, “a qual por muitas vezes era formatada” (OLIVEIRA, 2021). O currículo escolar diante desse paradigma está desvinculado da realidade cultural, social, econômica do estudante para uma nova forma de pensar com uma abordagem complexa, que observa que o conhecimento pertinente une as disciplinas, e aponta para uma educação mais dinâmica e humanizadora a qual engloba a atual necessidade que é de encaixar-se ao ensino remoto, situação causada pela pandemia que impede aos estudantes irem para a escola. O interesse por este tema surgiu como ponto de partida para outras pesquisas a quais permanecem em desenvolvimento com o pós-doutorado, realizado por duas pesquisadoras participantes do grupo de pesquisa PEFOP, que pesquisam a formação do professor/pedagogo a partir do pensamento complexo em uma Universidade confessional no Paraná. Assim, novas dúvidas surgiram a respeito dos saberes necessários para a formação do professor da Educação Fundamental bem como a construção da sua identidade ao longo de sua formação. Esta é uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, a qual se mostrou adequada ao problema proposto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pensamento Complexo. Formação Continuada de Professores e Pedagogos. Tecnologias Digitais.

## REFERÊNCIAS

BEHRENS, M. A. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica**. Curitiba, Paraná: Champagnat, 1996.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 01 de outubro de 2024.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e o re-encantamento do mundo**. Revista Tecnologia educacional, v. 23, n. 126, set./out., 1995.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 12ª. Ed. Campinas: Papyrus, 2006.

MORIN, E. **Sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

SÁ, R. A.; BEHRENS, M. A. **Teoria da Complexidade: contribuições epistemológicas e metodológicas para uma pedagogia complexa**. Curitiba, Appris, 2019.

SCHÖN, D. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: NÓVOA, A. (org.). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, T. L. F. F. **Paradigmas da Complexidade na Formação continuada do professor de Matemática: caminhos a serem trilhados para uma educação na Era digital**. 2022. 236 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR, Curitiba, 2022.

<sup>1</sup> Discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Fidelis.

<sup>2</sup> Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Fidelis.

## INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O PAPEL DO PROFESSOR

Evelyn Caroline dos Santos<sup>1</sup>  
Mary Ogawa<sup>2</sup>

### RESUMO

Ao discutir a relevância da inclusão escolar, e a importância em assegurar que todos os estudantes, independentemente de suas características, tenham acesso ao ensino regular, o presente artigo faz uma importante abordagem sobre as percepções, dificuldades e ansiedades dos professores, nas escolas quanto a tarefa de promover verdadeiramente um ensino inclusivo. Desta forma, o objetivo desse artigo é analisar a inclusão na Educação Infantil, destacando a importância do papel do professor para proporcionar um ambiente educacional inclusivo, e buscando ainda refletir sobre os desafios que os educadores enfrentam, como a falta de formação específica para atender as crianças com deficiência e transtornos, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para tanto, parte-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, buscando identificar como o tema tem sido abordado no meio acadêmico, particularmente quanto às instituições formadoras de profissionais da educação infantil. Para fundamentar as discussões propostas, nos apoiamos em Mantoan (1997), Khater e Souza (2018) que explanam sobre o conceito e concepção de inclusão; particularmente no contexto educativo, Oliveira (2015) que aponta para a participação da família como ponto fundamental do processo de inclusão da criança com TEA; ainda, De Vitta, De Vitta e Monteiro (2010) que discutem em seus estudos as dificuldades encontradas pelos professores para promover a inclusão na educação infantil. A interlocução dos autores e estudos realizados, passam pela análise dos obstáculos que os professores enfrentam, como a falta de formação específica, que dificulta a aplicação de práticas inclusivas, especialmente para aqueles com deficiências ou transtornos, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Outro aspecto levantado no estudo é a importância da colaboração entre educadores, terapeutas e famílias para criar estratégias educativas adequadas e eficazes. A investigação realizada destaca também a necessidade, apontada pelos autores, de sensibilização da comunidade escolar e a formação contínua dos professores, elementos essenciais para construir um ambiente educacional acolhedor e estimulante às crianças. Conclui-se que a inclusão vai além de uma exigência legal; representa uma chance de enriquecer o aprendizado e promover empatia e respeito entre todos os estudantes. Essa transformação deve ser realizada em conjunto por toda a comunidade escolar, reforçando a importância de um esforço colaborativo e comprometido, que no entanto depende de uma forte articulação, a ser particularmente conduzida pelos gestores escolares, em sua tarefa de mobilizar a comunidade como um todo, e assegurar aos profissionais da escola, formação contínua, capacitação, e, suporte estrutural, para que possam de fato promover inclusão e propiciar condições de aprendizado a todos, independente de suas características, atendendo suas especificidades e contribuindo para a construção não só de uma escola inclusiva, mas principalmente, de uma sociedade mais inclusiva, justa e igualitária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inclusão. Educação infantil. Transtorno do Espectro Autista. Formação docente.

<sup>1</sup> Discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Fidelis.

<sup>2</sup> Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Fidelis.

## A IDENTIDADE DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sibele Dias<sup>1</sup>  
Eliane Marta Pacheco<sup>1</sup>  
Mary Ogawa<sup>2</sup>

### RESUMO

A educação infantil constitui uma etapa fundamental na formação humana, ela é base para o prosseguimento no processo de escolarização. E, considerando o fato de que na proposta curricular do curso de Pedagogia há indiscutível relevância nos processos de ensino e aprendizagem voltados a Educação Infantil, visto que ela ocupa um espaço significativo na atuação do pedagogo, nos deparamos com a questão da identidade do profissional da educação infantil, e os aspectos que são agregados à esta identidade, e, que, podem trazer impactos, maiores, ou menores, no desempenho da profissão. Desta forma, este estudo se propôs a investigar os aspectos da identidade do professor da educação infantil que apresentam maior relevância para a sua atuação profissional eficaz. Para desenvolver tal estudo foi utilizado o levantamento do tipo Estado da Arte, sendo a pesquisa qualitativa e exploratória. Para tanto nos respaldamos em Novóia (1991, 1995) que defende a formação contínua para o professor, e que esta esteja permeada pela possibilidade de reflexão crítica sobre a prática pedagógica; ainda por Tardif (2000, 2002) para quem a formação do professor se constrói ao longo da vida e se molda a partir da sua história e de suas interações; também contribui para este estudo Kramer (2000) a qual argumenta que um aspecto importante da formação do professor da educação infantil é conhecer as características da infância e do desenvolvimento infantil. O estudo permitiu encontrar os pontos determinantes e a forma de conduzir a formação continuada de maneira satisfatória, possibilitando a adequação e desenvolvimento da Identidade de maneira a se tornar aplicável seus métodos e ensino na Educação Infantil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade do professor. Educação infantil. Formação.

<sup>1</sup> Discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Fidelis.

<sup>2</sup> Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Fidelis.

# Resumos categoria Psicologia

## TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS E A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO

**Jheniffer dos Reis da Silva<sup>1</sup>**  
**Luana Caroline de Sennes<sup>1</sup>**  
**Jociane Casellas<sup>2</sup>**

### RESUMO

O transplante é uma cirurgia que substitui órgãos com falência terminal, sendo muitas vezes a única solução para os pacientes. O avanço na medicina tem melhorado as taxas de sucesso dos transplantes, mas o processo é complexo e envolve várias etapas. O psicólogo atua na equipe de saúde, oferecendo suporte emocional e promovendo recursos de enfrentamento antes, durante e após o transplante. O apoio psicológico é fundamental para preparar os pacientes emocionalmente, lidar com a ansiedade durante a espera pelo órgão e auxiliar as famílias no manejo de suas emoções. O presente trabalho destaca a importância do transplante de órgãos para a sociedade e o papel do psicólogo nesse processo, que pode ser desafiador tanto para a família do doador quanto para o receptor. Objetivos: Explorar o processo de doação e transplante de órgãos de maneira abrangente, destacando diversos aspectos críticos. Ressaltar a importância do papel do psicólogo no preparo para a doação e recepção de órgãos, enfatizando a conscientização sobre a doação e o manejo do processo de morte e morrer. Identificar os principais indicadores de sucesso do processo de doação e transplante de órgãos no Brasil. Foi realizada uma revisão da literatura, através de pesquisa na base de dados SciELO, relacionada ao papel do psicólogo no processo de doação e transplante de órgãos. Os artigos selecionados foram criteriosamente escolhidos por sua relevância e contribuição para a compreensão de diferentes aspectos sobre o tema. Percurso teórico: O transplante de órgãos é um procedimento cirúrgico essencial que pode ocorrer de doadores vivos ou falecidos, proporcionando nova chance de vida a pacientes com doenças em estágio avançado. A doação reflete o princípio ético da beneficência, visando o bem-estar dos receptores. No Brasil, a legislação assegura direitos e regulamenta o processo, e o Sistema Único de Saúde (SUS) coordena os transplantes, garantindo um cadastro organizado de pacientes. Os artigos analisados concentram-se nos desafios éticos, emocionais e práticos da doação e transplante de órgãos. São discutidos aspectos como a aceitação da morte, conflitos profissionais e os fatores que influenciam a doação, destacando a importância de uma abordagem ética, humanizada e baseada em valores de solidariedade e respeito à autonomia dos potenciais doadores. Ressalta-se a importância dos transplantes de órgãos como uma das maiores conquistas da medicina moderna, que não apenas salvam vidas, mas também melhoram a qualidade de vida dos receptores. Para aumentar as taxas de doação, é crucial desmistificar crenças comuns e educar a população sobre os benefícios e processos envolvidos, reduzindo medos e inseguranças. O papel do psicólogo é fundamental em equipes multidisciplinares, oferecendo suporte emocional durante as fases pré e pós-transplante. Eles ajudam tanto os pacientes quanto as famílias a lidar com a ansiedade e o luto, criando um ambiente de apoio essencial para a recuperação. A capacitação dos psicólogos e a implementação de uma legislação adequada que regule o processo de doação são também necessárias. A legislação deve assegurar práticas éticas e transparentes, garantindo os direitos de todos os envolvidos. A combinação de educação pública, suporte psicológico e uma estrutura legal sólida é vital para aumentar as doações e melhorar os resultados dos transplantes no Brasil. Esses elementos colaboram para construir um sistema que salva vidas e promove um ambiente de confiança e solidariedade, oferecendo esperança a milhares de pessoas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atuação do psicólogo. Bioética e o transplante de órgãos. Doação e transplante de órgãos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Saúde aumenta em 106% autorização para novos serviços de transplante em todo o Brasil. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/setembro/ministerio-dasaude-aumenta-em-106-autorizacao-para-novos-servicos-de-transplante-entodo-o-brasil>. Acesso em: 18 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Lista de espera: série histórica. Brasil: série histórica 2008-2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/ptbr/composicao/saes/snt/estatisticas/lista-de-espera-serie-historica/brasil-seriehistorica-2008-2023/view>. Acesso em: 18 jun. 2024.

CARLOS, P.M; ROCHA, F.N. Atuação do psicólogo no transplante de órgãos pós-morte. Rev Mosaico, 2019 Jul/Dez; V.10, N.2: 32-37. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1786/1255>. Acesso em: 17 jun. 2024.

CASSINI, M.; AMORIM, T. A. Da Abordagem Multidisciplinar À Atuação Do Psicólogo No Processo De Transplante E Doação De Órgãos: Um Olhar Sobre Os Aspectos Psicoemocionais. Rev Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia, V.11 N.1: 1713 - 1718, 9 jan. 2022. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/1053>. Acesso em: 23 maio 2024.

COSTA, E. M. S. C.; ROCHA, F. N. Atuação do psicólogo em transplantes: características e vicissitudes. Rev Mosaico, V.10 N.1: 1-7, 10 jun. 2019. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1792/1219>. Acesso em: 23 maio 2024.

FERREIRA, I. R; SILVA, P. L. N.; AGUIAR FILHO, W.; GONÇALVES, R.; P.F; SOUTO, S. G. T.; OLIVEIRA, V. V. Doação e Transplante De Órgãos Na Concepção Bioética: uma revisão integrativa. Rev da Universidade Vale do Rio Verde, V. 13 N.1; 190-203, 15 jul. 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5106737.pdf>. Acesso em: 23 maio 2024.

VICTORINO, J. P.; VENTURA, C. A. A. Bioética e Biodireito: da Doação ao Transplante de Órgãos. Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics, V.6 N.1; 72-83, 12 out. 2016. Disponível em: <https://www.bjfs.org/bjfs/bjfs/article/view/614/2432>. Acesso em: 17 jun. 2024.

<sup>1</sup> Discente do Curso de Bacharel em Psicologia pela Faculdade Fidelis.

<sup>2</sup> Docente do Curso de Bacharel em Psicologia pela Faculdade Fidelis

## **AVALIAR AS INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS DESENVOLVIDAS, E IDENTIFICAR POTENCIALIDADES E LACUNAS NAS INTERVENÇÕES EM INDIVÍDUOS ALCOOLISTAS**

**Josemere Helvig de Lima<sup>1</sup>**  
**Renata Teixeira Parapinski<sup>2</sup>**  
**Bruno Henrique Dos Santos Pereira<sup>3</sup>**

### **RESUMO**

O consumo de bebidas alcóolicas configura-se como o sexto fator de risco mais relevante para a incidência dos óbitos e incapacidades, com taxa de 7,7% do número de mortes mundiais para o sexo masculino e 2,6% do sexo feminino. Diante disso, há a hipótese de que as intervenções realizadas para diminuir os prejuízos ocasionados pelo uso abusivo de álcool podem ser pouco efetivas. A Psicologia, como área do conhecimento e atuação profissional, produz conhecimento para reduzir os danos vivenciados por essa população. Deste modo, é objetivo dessa pesquisa avaliar as intervenções psicológicas desenvolvidas, de modo a identificar potencialidades e lacunas nas intervenções com indivíduos alcoolistas. A metodologia utilizada para esse estudo foi um ensaio teórico com busca e análise de artigos científicos. As bases de dados utilizadas para a pesquisa foram; Periódicos CAPES, PubMed e Science direct. A pesquisa está em andamento. Nas intervenções aplicadas, identifica-se déficit de controle experimental, uma vez que os artigos analisados utilizam como ferramenta de mensuração apenas os relatos dos indivíduos, fazendo com que não haja fidedignidade e clareza do repertório desenvolvido por meio das intervenções, tendo em vista que a percepção do paciente pode ser diferente do comportamento aprimorado ou diminuído. A reaplicação das técnicas utilizadas não possibilita a generalização deste comportamento para outros contextos. Além disso, apresentam técnicas pouco precisas, em alguns casos pouco explicadas no método em relação a como foram realizados os procedimentos durante a intervenção, o que inviabiliza a replicação dos procedimentos realizados. Há ainda práticas que não modificam o comportamento, apenas o deixam sob controle dos estímulos enquanto se está em acompanhamento ou participando da intervenção psicológica, o que não produz mudança de comportamento a médio e longo prazo. A realização de intervenções com métodos claros proporciona confiança aos participantes e apresenta relevância para a sociedade, pois produzem mudanças de comportamento observáveis, proporcionando assim benefícios para o indivíduo e para a população que interage com ele. Além disso, uma intervenção com métodos que apresentem rigor científico, como o proposto pela Análise do Comportamento Aplicada, considerando as dimensões analítica, comportamental, tecnológica, conceitual, eficácia, generalidade e aplicada, viabiliza a reaplicação em outros grupos e ou indivíduo, tendo em vista que apresenta dados observáveis, descrição dos procedimentos com as identificações dos dados no início do procedimento e dados pós procedimentos, capacita o indivíduo a agir de modo eficaz, o que favorece mudança comportamental e viabiliza a generalização para outros contextos. Produzir intervenções psicológicas com fundamentos teóricos, reaplicáveis e com precisão nos processos, proporciona para sociedade uma ferramenta para acompanhamento, tratamento e prevenção do uso abusivo de substâncias psicoativas e redução de danos para indivíduos alcoolistas. Com estes procedimentos é possível controlar as variáveis e observar os resultados das intervenções, proporcionando mudanças comportamentais eficazes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do comportamento. Intervenções eficientes. Prejuízos ao abuso de álcool. Alcoolismo. Transtorno por uso de substâncias.

<sup>1</sup> Discente do Curso de Bacharelado em Psicologia pela Faculdade Fidelis.

<sup>2</sup> Psicóloga. Orientadora de trabalho de IC.

<sup>3</sup> Docente do Curso de Bacharelado em Psicologia pela Faculdade Fidelis.

## IMPACTOS EMOCIONAIS DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

**Daiane Emanuelle Nakaione Reis<sup>1</sup>**  
**Priscila Carolina Montoski<sup>1</sup>**  
**Jociane Casellas<sup>2</sup>**

### RESUMO

A Violência Obstétrica (VO) é uma prática comum no Brasil, mas pouco discutida e estudada, mesmo na Psicologia, apesar de causar cicatrizes físicas e psicológicas. Além disso, muitas mulheres sequer têm o conhecimento de que sofreram a violência, considerando que a palavra e opinião do médico é considerada soberana, levando-as a não questionar as ações dos profissionais de saúde. Abordar o tema sobre os impactos da violência obstétrica na saúde mental das mulheres é essencial para compreender e acolher as profundas consequências emocionais resultantes de práticas desrespeitosas e por muitas vezes nem percebidas durante o parto. Metodologia: A revisão envolveu a busca e análise de artigos científicos sobre impactos emocionais da violência obstétrica para fundamentar teoricamente a pesquisa. A investigação utilizou descritores específicos nos sites SciELO e Google Scholar. Foram selecionados artigos nacionais, publicados entre 2016 e 2023. Após a seleção, os artigos foram lidos e analisados com base na questão norteadora. Objetivos: Destaca-se as repercussões na saúde mental de mulheres que vivenciaram a violência obstétrica, explicitar os impactos emocionais que a violência obstétrica deixa na vida das mulheres que passaram e passam por esta situação, e identificar os danos psicológicos causados. Resultados: Os principais atos de VO são episiotomias (corte realizado na região do períneo), tricotomias (retirada dos pelos), negação do uso de leitos, negação de acompanhamento, manobra de Kristeller (pressão na barriga da gestante para empurrar o bebê), uso rotineiro de lavagem intestinal, uso desnecessário de ocitocina sintética para acelerar o processo de parto, impedir a mulher de escolher a posição que deseja no momento do parto e exame de toque além do necessário para avaliar o processo de dilatação. Além das violências e negligências já citadas, existem as violências psicológicas que estão dentro da VO que ocorrem durante o período de trabalho de parto, que envolvem humilhações, xingamentos e falas desrespeitosas. Nos relatos das mulheres que sofreram VO, estas disseram apresentar sentimento de culpa, impotência, tristeza, raiva, medo, insegurança, pânico, ódio, desesperança, desumanização. Além disso, notou-se estresse severo, enfraquecimento dos laços familiares e com o próprio bebê, transtorno pós-traumático, ideação suicida e transtornos do pânico, e surgimento de problemas psicológicos no pós-parto. Intervenções desnecessárias, privação de um acompanhante, o linguajar desrespeitoso utilizado pela equipe de saúde, imobilização e afastamento de seu filho, geram medo, impotência, insegurança, angústia e constrangimento, além de dor e sofrimento desnecessários, que favoreceram o estabelecimento de sentimentos negativos, traumas e possíveis transtornos emocionais. Conclusão: A VO é uma realidade delicada que atinge de maneira negativa não somente as mulheres diretamente envolvidas, mas também suas famílias e comunidades, visto que, os impactos emocionais de violência são diversos e duradouros, de curto e longo prazo, deixando cicatrizes que muitas vezes não são visíveis, tal qual as consequências emocionais. Com base em toda a pesquisa, discutiu-se que buscar a humanização do parto, informar as mulheres com relação aos seus direitos e incluir o

combate a VO na formação dos profissionais de saúde envolvidos no parto é uma forma eficiente de combate, e, que os psicólogos podem ter grande relevância na prevenção, identificação e redução dessas violências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia. Violência Obstétrica. Parto. Trauma.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, S. P.; KALIL, J. H. VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: como o mito “parirás com dor” afeta a mulher brasileira. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações**, v. 14, n. 2, p. 641-649, 2016. Disponível em: <chromeextension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/file:///C:/Users/Lenovo/Download/s/Dialnet-ViolenciaObstetrica-5762861.pdf>. Acesso em: 04 out. 2024.

HENRIQUES, T. Violência obstétrica: um desafio para saúde pública no Brasil. **Página Grená: Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro**, Rio de Janeiro, p. 1-4, 2021. Disponível em: [chromeextension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.ims.uerj.br/wpcontent/uploads/2021/02/violenciaobstetrica\\_tatiana\\_henriques\\_pagina\\_grena\\_fev2021.pdf](chromeextension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.ims.uerj.br/wpcontent/uploads/2021/02/violenciaobstetrica_tatiana_henriques_pagina_grena_fev2021.pdf). Acesso em: 04 out. 2024.

MAGALHÃES, G. R. de M.; RODRIGUES, I. de S.; GOULART, M. F. G.; CERQUEIRA, S. L. S.; PEREIRA, S. A.; ARAÚJO, A. H. I. M. de. A percepção das mulheres e o impacto da institucionalização do parto na violência obstétrica: revisão de literatura. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos, Brasil, São Paulo**, v. 6, n. 13, p. 384–396, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.8007830. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/598>. Acesso em: 4 out. 2024.

MAIA, R. da S.; ARAÚJO, T. C. dos S.; MAIA, E. M. C. Violência Obstétrica: Apontamentos da Produção Científica. **Revista Portal: Saúde e Sociedade, [S. l.]**, v. 2, n. 3, p. 576–590, 2018. DOI: 10.28998/rpss.v2i3.4002. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/nuspfamed/article/view/4002>. Acesso em: 4 out. 2024.

SILVA, F. M.; SILVA, M. de L.; ARAÚJO, F. N. F. Sentimentos Causados pela Violência Obstétrica em Mulheres de Município do Nordeste Brasileiro. **Revista Prevenção de Infecção e Saúde, Paraíba**, v. 3, n. 4, p. 23-34, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/nupcis/article/view/6924/pdf>. Acesso em: 4 out. 2024.

SOUZA, A. C. A.; VALENTE, M. B. B. Violência Obstétrica: um desafio para a psicologia. **Humanae: Questões controversas do mundo contemporâneo, [s. l.]**, v. 10, n. 1, 2016. Disponível em: <https://revistas.esuda.edu.br/index.php/humanae/article/view/521/152>. Acesso em: 4 out. 2024

<sup>1</sup> Discente do Curso de Bacharel em Psicologia pela Faculdade Fidelis.

<sup>2</sup> Docente do Curso de Bacharel em Psicologia pela Faculdade Fidelis

## EXTENSÃO EM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

**Beatriz Mereth Araújo<sup>1</sup>**  
**Francini Melissa Almeida<sup>1</sup>**  
**Gabriele Kichel<sup>1</sup>**  
**Karina Apolinário<sup>1</sup>**  
**Luciane Maass Heinrichs<sup>1</sup>**  
**Maria Clara Maia R. de Oliveira<sup>1</sup>**  
**Maria Eduarda Passaglia Bruschi<sup>1</sup>**  
**Priscila Datsch Rodrigues<sup>1</sup>**  
**Talita Enns Claassen<sup>1</sup>**  
**Bruno Henrique Pereira<sup>2</sup>**

### RESUMO

A Orientação Profissional (OP) é um serviço fundamental para auxiliar no atingimento de metas profissionais. Além de fornecer suporte para que os indivíduos explorem suas aptidões, interesses e valores, assim como superarem obstáculos e elaborarem um plano de carreira satisfatório. Promover o autoconhecimento; Melhorar a capacidade de tomada de decisão; Desenvolvimento de habilidades e competências. O alto investimento de tempo e energia no trabalho tem levado autores a sugerirem sua influência no desenvolvimento social e pessoal dos indivíduos (Super, 1957; Levinson, 1987, Dore & Meacham, 1983). 1902 – Psicologia Vocacional – primeiro centro de OP em Munique, tinha por objetivo identificar a falta de capacidade dos indivíduos, como forma de minimizar acidentes de trabalho. Após a Segunda Guerra Mundial – programas de orientação profissional começaram a expandir, estimulados pelo desenvolvimento da Psicologia Industrial e Pessoal (Dean e Meadows, 1995). OP segundo a análise do comportamento: Estratégias prioritariamente orientadas para o resultado; Foco da intervenção na aprendizagem como determinante do comportamento ao invés das habilidades ou predisposições inatas; Treinamento adequado para o alcance das habilidades necessárias ao exercício profissional; Uso de mudanças comportamentais e fortalecimento dos comportamentos de autodescoberta e busca de informação. Autoconhecimento: Objetivo inicial da Orientação Profissional; Conhecer as características pessoais é fundamental para a formação de uma autoimagem real e autêntica; Permite o desenvolvimento de aspirações profissionais coerentes; Trabalha os seguintes aspectos: Quem sou eu; 1. Qual meu projeto de vida; 2. Como me vejo, no futuro, desempenhando meu trabalho; 3. Expectativas da família vs expectativas pessoais; 4. Quais são meus principais gostos, interesses e valores. “Confronto das informações específicas das profissões com as características pessoais”. Conhecer a realidade profissional do mercado e da possível profissão; Buscar informações atualizadas e relevantes sobre as futuras profissões; Aprender a usar diferentes fontes de informação para identificar as variáveis que tornam a tomada de decisão mais apropriada e consciente; Realizar um teste comportamental para avaliar o impacto das consequências (custo/benefício) de uma escolha profissional; Aprofundar o conhecimento das profissões, corrigindo informações incorretas e analisando a compatibilidade entre características pessoais e exigências das carreiras de interesse, com base em dados atualizados. Tomar decisões de forma autônoma, consciente de que a escolha da futura profissão deve ser algo que traga satisfação pessoal. Tomada de decisão. Refinamento de critérios de escolha, combinando informações

profissionais com valores pessoais e estilo de vida; Avaliação do impacto futuro das aprendizagens adquiridas; Autores como Munson, Elwood, Betz e Vieira ressaltam a importância de conhecer: Características pessoais; Motivações; Interesses; Potencialidades; Habilidades; Valores; Aspirações; Conflitos; Ansiedades; Medos; Expectativas em relação ao futuro; Esses aspectos são cruciais para uma escolha informada e alinhada com os objetivos e necessidades do indivíduo. CASE 1. Público alvo: alunos do 3º EM de um Colégio. Encontros: semanalmente - 8 de 1 hora. Local: sala de aula do Colégio. Oferta: obrigatório - grade curricular. Desenvolvimento: Os encontros consistiram em atividades realizadas em grupos onde são desenvolvidas as etapas da Orientação Profissional. Comportamental. Dinâmicas lúdicas e reflexivas; Aplicação de testes formais e informais; Diálogos e conversas; Trocas de experiências; Devolutiva individual. CASE 2. Público alvo: Estudantes do Ensino Médio (14 a 18 anos). Encontros: semanais - 1h. Local: Dependências do Serviço Escola da Faculdade Fidelis. Oferta: Não obrigatório, de acordo com o interesse dos alunos e seus responsáveis que se comprometeram a arcar financeiramente pela Orientação Profissional. Desenvolvimento: Os encontros consistem em atividades realizadas em grupos onde são desenvolvidas as etapas da Orientação Profissional. Comportamental. Dinâmicas lúdicas e reflexivas; Aplicação de testes formais e informais; Diálogos, conversas e trocas de experiências. Considerações finais. Desenvolvimento do autoconhecimento; Redução de ansiedade incertezas; Escolha de carreira mais consciente; Desenvolvimento de habilidades de tomada de decisão. A orientação profissional facilita o caminho para escolhas mais assertivas e adequadas, proporcionando ao jovem uma visão mais clara de suas possibilidades e de como lidar com as complexidades do mercado de trabalho.

## REFERÊNCIAS

- MOURA, C. M. ; SAMPAIO, A. C. P.; GEMELLI, K. R., RODRIGUES, L. D.; MENEZES, M. V. Avaliação de um Programa Comportamental de Orientação Profissional para Adolescentes. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 2005, v. 6(1), 25-40
- ACUNA, J. T. Desenvolvimento de autoconhecimento e projeto de vida na orientação vocacional: um relato de caso. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 29, n. 68, p. 91-104, dezembro 2020
- MOURA, C. B. **Orientação Profissional: sob o enfoque da análise do comportamento**. Editora Alínea; 1ª edição (29 março 2018)
- MOURA, C. B. SILVEIRA, J. M. Orientação profissional sob o enfoque da análise do comportamento: avaliação de uma experiência. **Rev. Estudos de Psicologia, PUCCampinas**, v. 19, n. 1, p. 5-14, janeiro/abril 2002

<sup>1</sup> Discente do Curso de Bacharel em Psicologia pela Faculdade Fidelis.

<sup>2</sup> Docente do Curso de Bacharel em Psicologia pela Faculdade Fidelis

# A RELEVÂNCIA DA PSICOEDUCAÇÃO VOLTADA PARA A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO NA COMUNIDADE TERAPÊUTICA FAZENDO A DIFERENÇA-FAZDI

Josemere Helvig Lima<sup>1</sup>  
Fabio Wiechetek<sup>1</sup>

## RESUMO

A dependência química é compreendida como uma doença crônica e recidiva que envolve diversos fatores multifatorial, os quais incluem, fatores biológicos, psicológicos, sociais e ambientais que acometem diversas faixas etárias independente da classe social. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o índice de indivíduos dependentes de substâncias Psicoativas (SPA) compreende cerca de 5% da população mundial, entre 15 e 64 anos de idade, independente do sexo, nível de instrução e poder aquisitivo. Estima-se que o índice crescente de “recaídas” (voltam a usar drogas) de dependentes de SPA, após período de internação (hospitais especializados ou comunidades terapêuticas), é de 31% antes de completar um mês após o período de internação, 19% entre 2 e 4 meses; 7%, entre 5 e 8 meses; 3%, entre 9 e 12 meses; 1%, após um ano. Diante da hipótese de que as intervenções realizadas no tratamento de dependentes de SPA podem estar sendo pouco efetivas, o estágio acadêmico em Psicologia na comunidade Fazendo a Diferença (FAZDI), foi focado na análise do comportamento, sendo essa, uma abordagem dentro da psicologia com o objetivo de estudar o comportamento humano e através dessa, produzir novos repertórios comportamentais. Elucida-se que se o problema da droga estivesse restrito apenas a força de vontade, isso seria o suficiente para interromper o uso e ocorreria a extinção do comportamento do vício. Para a análise do comportamento, todo comportamento é selecionado por contingências filogenéticas ou ontogenéticas e que comportamentos definidos como patológicos é instalado e mantido pelas mesmas regras que regem outros comportamentos, ou seja, o que poderia diferenciá-los de outros comportamentos seria os controles por contingências ou governado por regras. Sendo assim, os processos que antecedem uma recaída, está relacionado diretamente com a discriminação operante, processo que compreende respostas específicas que ocorrem apenas na presença de estímulos específicos. A Teoria da Aprendizagem do Behaviorismo Psicológico (STAATS, 1996), define três funções do estímulo: (a) eliciar uma resposta emocional; (b) atuar como estímulo reforçador; (c) direcionar (função discriminativa) comportamentos de aproximação ou comportamentos de fuga ou esquiva. Esse processo eliciador, pode ser gerado pelas expectativas que os acolhidos geram em relação a situação vivenciada e aos seus familiares, sendo estes estímulos responsáveis pela possível recaída. Dessa forma, o estágio no projeto FAZDI teve como objetivo explicitar a psicoeducação através da análise do comportamento. O estágio foi de extrema relevância, pois através da psicoeducação foi possível abordar diversos temas relevantes, tais como; vontade, vício, novos repertórios comportamentais, importância do autocontrole e responsabilidade, autoconhecimento, generalização, dessensibilização, frustrações e perspectivas. A pesquisa envolveu a busca e análise de artigos científicos sobre os temas abordados, a qual ocorreu no período de março a maio de 2024. As bases de dados utilizadas para a pesquisa no decorrer do estágio foram; Periódicos CAPES, PubMed e Scielo. A psicoeducação foi voltada para o desenvolvimento de novos repertórios comportamentais, aos dependentes de substância psicoativas

e por fim demonstrar a atuação da análise do comportamento e sua relevância em uma comunidade terapêutica.

<sup>1</sup> Discente do Curso de Bacharel em Psicologia pela Faculdade Fidelis. [helvig.josi@gmail.com](mailto:helvig.josi@gmail.com).

## CUIDADOS HUMANIZADOS EM SAÚDE

Iasmin Schimitz<sup>1</sup>  
Iolanda Queiroz<sup>1</sup>

### RESUMO

O texto "Cuidados Humanizados em Saúde" aborda a importância da humanização nos serviços de saúde, discutindo como esse conceito impacta o cuidado com os pacientes e as condições de trabalho dos profissionais de saúde. A humanização da saúde se concentra em tratar o paciente como um ser integral, considerando não apenas aspectos biológicos, mas também suas dimensões emocionais, sociais e culturais, além de seu bem-estar físico e espiritual. A introdução destaca o panorama histórico e teórico sobre o desenvolvimento do cuidado em saúde, destacando como o modelo assistencialista tradicional, focado nos aspectos biológicos, foi dominante ao longo do século XX. Esse modelo negligenciava aspectos fundamentais como a subjetividade dos pacientes, sua história de vida e o contexto social em que estavam inseridos. A humanização na saúde, portanto, surge como uma resposta à necessidade de um cuidado mais integral e ético, levando em consideração não apenas o diagnóstico e tratamento de doenças, mas também as dimensões emocionais e sociais dos pacientes. Esse movimento ganhou força especialmente a partir da criação do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil em 1988 e da implementação da Política Nacional de Humanização (PNH) em 2003, que visa colocar o paciente no centro do cuidado. A Política Nacional de Humanização (PNH) é um marco nessa transformação, ao focar na criação de um sistema de saúde mais acolhedor e eficiente, com ênfase na valorização dos profissionais e usuários. A humanização envolve respeitar a singularidade dos pacientes e promover uma comunicação eficaz entre eles, seus familiares e os profissionais de saúde, criando um ambiente que favorece a confiança e o apoio emocional. Além disso, ressalta-se a importância do autocuidado e apoio emocional aos profissionais de saúde, que enfrentam diariamente situações de estresse e exaustão emocional. O psicólogo desempenha um papel fundamental nesse processo, ao contribuir para a promoção da saúde mental dos pacientes, suas famílias e da equipe multidisciplinar. A Psicologia da Saúde surge como uma área essencial, com o objetivo de integrar o cuidado psicológico às práticas médicas tradicionais, abordando o paciente de forma holística. Nas considerações finais, o texto reforça que a PNH possibilita a inserção do psicólogo nas políticas públicas de saúde, contribuindo para a construção de um sistema mais humanizado. Essa abordagem exige mudanças estruturais no sistema de saúde, incluindo melhor formação dos profissionais e melhorias na infraestrutura das unidades de atendimento. O psicólogo, nesse contexto, facilita o atendimento humanizado e integral, promovendo uma visão biopsicossocial do processo saúde-doença. Portanto, a humanização deve ser vista como uma política essencial no sistema de saúde brasileiro, e não apenas como um programa a ser implementado. Ela representa um caminho necessário para transformar o atendimento, garantindo a promoção da saúde integral, universal e equitativa.

<sup>1</sup> Discente do Curso de Bacharel em Psicologia pela Faculdade Fidelis.

## LUTO INFANTIL

**Altair Born<sup>1</sup>**  
**Fabíola Assunção Ramos<sup>1</sup>**  
**Gisele Texdorf Martins<sup>2</sup>**

### RESUMO

Por meio deste trabalho pretende-se apresentar um panorama acerca do luto infantil, um tema extremamente relevante embora pouco abordado. Apesar de a morte ser evidente e apresentada de inúmeras formas nas telas de cinema, de modo geral, o assunto não é o mais agradável. Há indivíduos que se mostram extremamente resistentes e desconfortáveis diante do assunto da finitude e conforme Schramm (2002)...todos os seres vivos morrem, inclusive os humanos, morrem. Morrem porque são vivos. Neste sentido, Combinato (2006) afirma que, assim como o nascer, a morte faz parte do processo de vida do ser humano. Por trás da relutância e desconforto em torno do tema, certamente há inúmeras variáveis importantes, assim como o medo. Segundo Kovács (1992), o medo de morrer é universal e atinge todos os seres humanos, independentemente da idade, sexo, nível socioeconômico e credo religioso. De fato, diante da morte todos os seres humanos se sentem impotentes, pois a vulnerabilidade e a limitação da vida se evidenciam de forma impactante diante da perda de alguém. Por mais que a morte de um ente querido seja iminente devido a questões de saúde, por exemplo, receber a notícia e lidar com a inevitável e definitiva perda, é algo difícil. A morte existe, pois, há a existência da vida. Encerrar a experiência de viver ou de não contar mais com a presença de alguém importante, causa um choque para qualquer pessoa adulta. No que se refere ao público infantil, certamente não é diferente. O tema da morte gera desconforto e ao mesmo tempo curiosidade, neste sentido a autora Kovács (1992, pg.2) sugere, que por mais que desde os tempos remotos exista um elevado número de registros sobre a morte como “perda, ruptura, desintegração, degeneração, também existem registros, como fascínio, sedução, uma grande viagem, entrega, descanso ou alívio”. A finitude altera as emoções e também a imaginação por tratar-se, de certo modo, de um grande mistério. De modo geral para Kovács (1992, pg.11) a morte clínica é um estado em que os sinais vitais não são mais percebidos, como a consciência, os reflexos, a respiração e a atividade cardíaca, por mais que algumas das atividades metabólicas permaneçam em funcionamento. A morte clínica passou a ser um conceito pelo fato de se ter atualmente máquinas que podem substituir as funções vitais de modo a prolongar a vida, mesmo que de maneira indefinida. Não se vive para morrer, por esta razão, todos os esforços em torno de prolongar a vida são realizados. Mesmo com a limitação de sinais vitais de um paciente hospitalizado, com a utilização de equipamento é possível mantê-lo “vivo” por tempo indeterminado. Para Kovács (2005, pg. 487), mesmo com o avanço da tecnologia na medicina o “prolongamento” da vida pode não representar, necessariamente, qualidade de vida, principalmente no que se refere aos mais idosos. De modo geral, não faz parte do cotidiano um preparo para encerrar a existência terrena. Alguns autores sugerem que é possível e saudável preparar-se para o fim da vida.(Kovács,2005, pg. 484) , reflete que da mesma forma que nos preparamos para a vida, para viver socialmente, deveríamos nos preparar tanto quanto para a finitude. Por mais estranho que pareça, a colocação da autora é de veras pertinente, levando-se em consideração o que ela mesma diz (Kovács (1992, pg.25), que o que diferencia o homem dos animais é seu conhecimento sobre a morte e o fim da vida. A consciência e a capacidade decisória fazem com que o indivíduo

se posicione diante dos assuntos relativos à vida e à morte. Apesar dos temores em torno do tema, é nítida a urgência de se desenvolver meios que incentivem as pessoas a abordarem a morte e o luto com a consciência de que são etapas inerentes à existência. É sabido que a morte chega independentemente da idade, desde bebês até idosos. O encerramento da jornada da vida chega para todos e conviver com o vazio da ausência de quem morreu torna-se um grande desafio da vida. A dor do luto passa a fazer morada na vida de quem permanece e adaptar-se à nova realidade caracteriza um processo desafiador. De acordo com Kovács (1992), o processo de luto por definição é um conjunto de reações diante de uma perda e, em alguns casos, pode durar anos. Se para o indivíduo adulto é um processo doloroso, não deve ser diferente para as crianças que perdem alguém querido, importante e relevante principalmente para seu processo de formação. A tentativa através deste trabalho, é elucidar o tema do luto infantil com suas nuances. Para uma melhor compreensão acerca do luto infantil, pretende-se, primeiramente, explicar sobre a etiologia do luto, com fundamentação em pesquisa bibliográfica disponível em livros, artigos referentes ao tema e assuntos abordados em sala de aula.

#### LUTO.

É praticamente unânime a compreensão de que o luto se caracteriza como um processo. De acordo com Ramos (2016) O conceito de “luto” está naturalmente associado ao processo posterior à morte de um ente querido. O conceito é reforçado por Bowlby (1981), que afirma que o luto é um processo natural e esperado frente a interrupção de um relacionamento de forte significado, apresentando variadas reações. Para Melo (2004, pg.4), que corrobora com a definição de Bowlby, diante da relação interrompida com a figura de apego ou de um objeto do qual se gosta muito, surge um processo essencial, ou seja, o luto, que é a adaptação ao rompimento, a perda, para que a lacuna deixada, com o tempo, possa ser preenchida novamente, envolvendo tarefas e fases para que se desenvolva. As fases do luto, de acordo com Stroebe, Schut e Boerner (2017) precisam ser compreendidas na subjetividade de cada indivíduo e não de forma estática, com começo, meio e tempo para terminar, pois cada sujeito funciona a partir de suas experiências de vida. Bonanno (2009) reflete sobre o cuidado em estabelecer prazos, etapas para o luto, pois o enlutado pode entender que existe um jeito apropriado de vivenciar o luto, como um manual, quando na verdade não há. O processo é único e para algumas pessoas pode ser bem longo dependendo da intensidade de vínculo existente em relação ao “objeto de perda”. Conforme Soares (2013), a intensidade do luto é proporcional à força do apego. A mesma autora, Soares (2013), sugere que uma pessoa não é mais fraca porque chorou demais, e se chorou pouco não significa que sentiu menos a perda. Cada um tem uma maneira de expressar a dor. Não há sentimentos certos ou errados. Para o indivíduo adulto, enfrentar a morte é uma tarefa árdua e auxiliar as crianças diante das perdas da vida, torna-se um desafio a ser aprendido e desenvolvido.

#### LUTO INFANTIL

Crianças também são seres humanos e sentem a falta de algo ou de alguém. Conforme Pedro (2010) independente do nível de concepção de morte que a criança já possa ter atingido, ela sofre sempre com a perda a nível afectivo e emocional. De acordo com Soares (2013), mesmo uma criança pequena pode enlutar -se pela morte de um dos pais ou de parentes mais próximos, como um irmão ou os avós, apresentando reações emocionais semelhantes às de um adulto. Conforme a autora citada, a compreensão sobre a morte e a vivência do luto infantil, segue um percurso e para compreendê-lo é necessário considerar o desenvolvimento cognitivo das crianças na primeira infância, na fase pré-escolar e na adolescência. Segundo Machado (2006), a forma como a criança vive o luto varia de acordo com a idade, a personalidade, o estágio de desenvolvimento cognitivo e psicossocial e com aspectos mais gerais como a cultura em que está inserida. Apesar de as perdas serem comuns na vida de qualquer indivíduo, de acordo com Kovács (1992), muitos adultos se

negam a conversar com a criança sobre a morte, argumentando que as crianças nada sabem a respeito dela. Reforçando a justificativa acima, Paiva (2011), menciona que os adultos costumam dizer que morte não é assunto para crianças, porque é triste, como desculpa de que querem protegê-las. Mas, na verdade, nós não sabemos como abordar esse tema com as crianças. Além disso, de acordo com a mesma autora, "...quando o adulto se nega a esclarecer verbalmente a morte, atravança-se o primeiro momento de elaboração do luto, que é a aceitação de que alguém desapareceu para sempre." (Paiva, 2011, pág. 26). No caso de doenças eminentes, como idosos muito doentes, Kovacs (2005,pg.487) sugere, que por mais que esses tipos de mortes estejam próximos, a comunicação não é tão clara, sendo denominada por ela de conspiração de silêncio; nota-se pais que ficam na dúvida se falam ou não para os filhos ainda crianças sobre a morte de um ente querido próximo. Esta realidade, de acordo com Kovács (2005), se reflete também no contexto acadêmico em que o tema da morte não está presente nas escolas, usando-se como argumento a falta de preparo dos professores. Conforme Soares (2013), como não é bem definido se é certo ou não as crianças comparecerem e participarem de rituais fúnebres, o ideal é incentivá-las a participar para que não fique um clima de mistério e fantasia, já que estamos falando que a verdade sempre é o melhor caminho. Seguindo esta linha de raciocínio, de acordo com Bowlby (1998), é imprescindível que a criança saiba que, primeiro, o morto não voltará nunca e, segundo, que seu corpo enterrado no chão ou cremado, é importante que a criança conheça o conceito desse método, para que não cause a ela ainda mais confusão. Assim sendo, segue-se uma análise pautada na opinião de autores acerca das diferentes percepções acerca da finitude nas diferentes faixas etárias do público infantil.

#### LUTO INFANTIL POR FAIXA ETÁRIA

Crianças com menos de 3 anos: Pode uma pequena e frágil criança sentir a perda de alguém ou de algo importante? De acordo com (Soares, 2013), as crianças menores de 3 anos quando são separadas de sua figura de apego ou de um animal de estimação, sentem saudades. E ao viverem a interrupção de sua relação com um ente querido por morte ou perdem um objeto, sentem dó. De acordo com (Paiva, 2011), nesta fase o conceito de morte não existe, ela é percebida como ausência, falta e corresponde à experiência do dormir e acordar: percepção do ser e não ser.

Crianças de 3 a 5 anos. Nesta fase, conforme (Arbulo), a morte é temporária e reversível não estando ainda definido o conceito. Esta ideia é reforçada por verem personagens de desenhos animados que "morrem" e "renascem", sendo esta ideia característica do pensamento mágico desta idade. De acordo com Kovács (1992), as crianças até 5 anos, não tem noção de morte como definitiva e esta é associada ao sono ou separação, a criança percebe a morte como temporária e gradual, podendo ser reversível. Elas pensam, de acordo com Soares (2013), que seu ente querido morto vai voltar a qualquer momento e, por não compreenderem a complexidade da perda, creem ser a morte reversível. Este conceito é reforçado por Paiva (2011), que reflete que a compreensão das crianças sobre a morte é temporária, passageira, podendo ser revertida. Não são capazes de entender que quem morre não volta nunca mais, por ainda viverem o pensamento mágico, não sabendo distinguir entre o animado e o inanimado.

Crianças de 6 a 12 anos. De acordo com Kovács (1992), há uma tendência para personificar a morte, como alguém que vem buscar a pessoa. A morte já é percebida como irreversível, mas não como universal. Na opinião de Soares (2013) as crianças nesta faixa etária já compreendem que a morte é um caminho sem volta, mas creem que somente morrerão os idosos (vovô, vovó), as pessoas hospitalizadas ou as vítimas de acidentes. Nesta fase, segundo Paiva (2011), às crianças já diferenciam melhor o animado do inanimado, já entendem a diferença de morte e vida, já são capazes de compreender a morte como um processo sem volta, entendem que irreversível. O pensamento concreto já está mais presente nessa fase.

Crianças de 12 anos acima. A partir desta fase, de acordo com Soares (2013), a criança já entende que a morte é para todos, inclusive para ela, sabendo que isso acontece a partir da parada das funções biológicas. Naturalmente sentem medo de ficar para sempre sem um dos pais, têm medo de serem abandonadas, desamparadas, sentem-se desesperadas, ansiosas ou com raiva de uma forma mais intensa por não conseguirem se expressar utilizando as palavras. Para Paiva (2011), elas já compreendem a morte como inevitável e universal, irreversível e pessoal.

#### COMO AJUDAR A CRIANÇA DIANTE DA PERDA

Diante da realidade irreversível da morte e das diferentes formas de encarar as perdas, quais seriam os meios adequados de auxiliar as crianças neste processo? De acordo com Paiva (2011), em algumas ocasiões, especialmente adultos enlutados, não estão ou são bem preparados para ajudar a criança porque, muitas vezes, não conseguem elaborar suas próprias perdas. A despeito desta condição, a autora sugere que falar da morte não é criar a dor nem a aumentar; ao contrário, a verdade alivia a criança e ajuda a elaborar a perda. Em muitos casos as crianças são privadas pelos adultos acerca do confronto com a realidade da morte. Entretanto, de acordo com Kübler-Ross (1991, pg.18) é importante que a criança vivencie o processo de luto juntamente com a família, que participem das conversas para que elas percebam que os adultos sofrem, também sentem medo e que não estão sozinhas no seu próprio processo, que é possível viver esse momento de forma compartilhada, lembrando que essa vivência traz crescimento e amadurecimento. É importante segundo Torres (1999), que se tenha uma comunicação clara, assertiva, para que a criança entenda de fato o que aconteceu e certificar-se que ela terá o tempo que precisar para elaborar o próprio luto. É importante ainda que se tenha um adulto disponível para conversar com a criança sobre seus sentimentos sempre que precisar. Para Velasquez-Cordero (1996), incentivar a criança a expressar seus sentimentos e emoções é de extrema importância, ter paciência em ouvi-la, mostrar meios pelos quais ela possa lembrar da pessoa que morreu e ajudá-la a seguir com sua vida, e lembrá-la que ela se sentirá melhor depois de um tempo. A família como supracitado, tem papel importantíssimo na elaboração do luto da criança, porém, a escola na qual estuda também tem papel fundamental diante desta realidade. De acordo com Soares (2013), a escola precisa ser comunicada imediatamente quando a criança perde alguém importante para ela, além de informar como ela está lidando com a situação. É dever da escola oferecer todo apoio e assistência de acordo com a necessidade apresentada pela criança. O tema deve ser abordado de forma lúdica, através de livros e filmes e inclusive pedir ao melhor amigo que escreva cartas de incentivo para a criança enlutada. Para que o adulto se sinta mais seguro neste processo, a utilização de recursos lúdicos pode ser de grande eficácia, conforme a citação acima. Para tanto, seguem algumas sugestões de materiais.

#### SUGESTÕES DE LIVROS

Normalmente o público infantil aprecia ouvir histórias e ver imagens coloridas correlacionadas. Na tabela a seguir, Soares (2013), apresenta algumas referências relevantes para abordar o tema:

LIVRO	ASSUNTO
<i>Pollyanna</i> (Eleanor H. Potter)	Conta a história de uma órfã que mora com a tia severa e procura ver o lado bom das coisas, ensinando a todos o “jogo do contente”. [São Paulo: Ática, 2006].
<i>O pato, a morte e a tulipa</i> (Wolf Elbruch)	Mostra a estranha e forte amizade cultivada entre um pato e a morte. [São Paulo: Cosac Naif, 2009].
<i>O gatinho perdido</i> (Teresinha Casasanta)	Conta a história de um animal de estimação perdido e encontrado por um menino. Este se apega demais ao gato e tem de enfrentar a dor da separação ao devolver o animal ao seu verdadeiro dono. [São Paulo: Editora do Brasil, 2009]

<i>Contos de fadas</i>	A obra traz histórias de Perrault, Grimm, Andersen e outros grandes escritores. Contos como “O pequeno polegar”, “A bela adormecida” e “João e o pé de feijão” abordam a separação e a perda. [Rio de Janeiro: Zahar, 2010]
------------------------	---

As crianças sofrem perdas ao longo de seu desenvolvimento, seja de brinquedos, animal de estimação, amigo ou algum ente querido. A utilização de materiais lúdicos a exemplo dos citados pode auxiliá-las no processo de assimilação das perdas. O livro “O gatinho perdido”, ilustra o apego desenvolvido entre um menino e um gatinho e a dor da separação que ocorre devido ao vínculo desenvolvido. De forma simples e didática a criança pode ser ensinada a respeito dos sentimentos relacionados às perdas da vida.

### SUGESTÕES DE FILMES

Além de livros, a autora Soares (2013), sugere a utilização de filmes que podem ser assistidos juntamente com a criança, e, de forma didática, dialogar sobre o assunto.

FILME	ASSUNTO
O ENIGMA DAS CARTAS	Indicado a crianças em idade escolar e mais velhas, o filme conta a história de uma menina que perde o pai, mas não passa pelo processo de luto devido à proibição da mãe. As consequências aparecem nos conflitos emocionais da criança, que é diagnosticada como autista. [ <i>House of cards</i> , dir. Michael Lessac, EUA, 2013]
TOMATES VERDES FRITOS	O filme aborda vários episódios de perda, como a menina que vê morrer aquele a quem mais amava e o menino que perde o braço e se vê obrigado a reaprender a viver. [ <i>Fried green tomatoes at the Whistle Stop Cafe</i> , dir. Jon Avnet, EUA, 1991]
MEU PRIMEIRO AMOR	Vada, uma menina obcecada pela morte, tem como melhor amigo um garoto que é alérgico a tudo. Durante um verão comum, a amizade deles enfrentará obstáculos e Vada conhecerá muito cedo a dor da perda. [ <i>My girl</i> , dir. Howard Zieff, EUA, 1991]
A BELA E A FERA	Clássico da Disney que conta a história de uma linda e inteligente jovem que procura pelo pai desaparecido e acaba aprisionada no castelo da misteriosa fera. A abordagem da perda da beleza também é extremamente bem-feita. [ <i>Beauty and the beast</i> , dir. Gary Trousdale e Kirk Wise, EUA, 1991]

Conforme abordado anteriormente, a criança experimenta diferentes dores devido às perdas ao longo de seu desenvolvimento. O filme citado, *A bela e a fera*, evoca a dor relacionada a aparência “deformada”. Uma “deformação” física pode ocorrer devido a um acidente de trânsito, acidente doméstico como queimadura, por exemplo, podendo desencadear sentimentos de luto e baixa autoestima por conta da aparência que mudou e até mesmo devido a um membro do corpo que sofreu amputação. O luto em si trata-se da dor de uma perda no geral, seja de um brinquedo quebrado, de uma plantinha que morre, do bichinho que foge de casa ou morre e outras tantas perdas e de acordo com Bowlby (1981) o luto apresenta várias reações, como um processo esperado, natural, frente ao rompimento de uma profunda relação. Isso reforça a necessidade de falar sobre o tema, pois a perda é uma experiência inevitável pela qual todos passarão, mesmo

existindo tecnologias na medicina que prolongam a vida por tempo indefinido. Falar a verdade com a criança, auxiliando-a a vivenciar a perda através da expressão de suas emoções e sentimentos, faz parte da elaboração e compreensão acerca da finitude da vida. A criança sempre vai sofrer com a perda, tanto de forma afetiva ou emocional, independentemente do grau de conhecimento que ela tenha sobre o assunto, por isso a importância de se falar sobre a morte em qualquer idade, desde que a linguagem seja adaptada à idade da criança, para que o luto possa ser elaborado e os sentimentos externados. Mesmo a verdade sendo o melhor caminho é preciso lembrar que, na perspectiva de Machado (2006), as idades precisam ser consideradas, a maturidade, o conhecimento do conceito de morte, a intensidade do relacionamento da criança com a pessoa que morreu e a cultura que a criança está inserida. Para a criança, o conhecimento sobre a morte, envolve entender que, quem morre, não volta. Conclui-se, desta forma, que é de extrema importância que o público adulto, pais, cuidadores e escola desenvolvam estratégias assertivas a fim de contribuir para a elaboração da perda e luto nas crianças. É preciso que se fale sobre isso com as crianças, que não se evite falar na frente das crianças sobre a morte, sobre a saudade, que não se evite expressar sentimentos para que elas entendam que morrer faz parte do processo natural da vida. O falar sobre a morte com mais frequência, vai “naturalizando” o morrer. Vai contribuir para que deixe de ser um tabu, algo que só traz sofrimento e comece a ser algo visto como reinício, reorganização da vida. É importante que se aprenda e se ensine às crianças a falarem sobre o que sentem, a chorar a saudade e não a esconder as emoções como se fosse algo ruim, pois externar os sentimentos traz amadurecimento emocional, elaboração e entendimento do que sente. Conforme apresentado neste trabalho, existem “ferramentas” muito úteis para contribuir nesse processo que podem ser utilizadas pelas famílias ou professores, como livros com histórias lúdicas, filmes de longa e curta metragem, cartões que auxiliam na expressão das emoções e, claro, muita empatia e acolhimento. Como parte da conclusão deste trabalho é bom lembrar a frase de Jean Piaget, “Só um humano pode curar outro humano”.

## REFERÊNCIAS

ARBULO, B. GARCIA, C. RODRIGUEZ, R. FERNANDEZ, Marquez. L. **Luto em crianças**. Red Iberoamericana de Psicología de emergências. Espanha.

BOWLBY, John. **Apego e perda: tristeza e depressão**. v 3, 2ª. Edição, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COMBINATO, Denise Stefanoni. QUEIROZ, Marcos de Souza. **Morte: uma visão psicossocial**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/PfSWjx6JP7NQBWhcMBXmnyq/?lang=pt&format=html> . Acesso: 18.06.24

SOARES, Edirrah Goret Bucar. MAUTONI, Maria Aparecida de Assis Gaudereto. **Conversando sobre o luto**. São Paulo: Ágora, 2013.

KOVÁCS, Maria Julia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, Maria Julia. **Educação para a morte**. Universidade de São Paulo, 2005.

KÜBLER - ROSS, E. (1991). **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 4ª Edição, Editora Martins Fontes. São Paulo, Brasil.

MELO, Ana Rita de Paulo Proença. **Processo de Luto**: o inevitável percurso face a inevitabilidade da morte. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=luto+&btnG=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=luto+&btnG=). Acesso: 09.06.2024

PAIVA, Lucélia Elizabeth. **A arte de falar da morte para crianças**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2011.

PEDRO, Ana. **A vivência da morte na criança e o luto na infância**. Documento produzido em 2011. Lisboa, Portugal.

RAMOS, Vera Alexandra Barbosa. **O processo de luto**. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf> Acesso: 18.06.2024

SCHRAMM, Fermin Roland. **Morte e finitude em nossa sociedade**: implicações no ensino dos cuidados paliativos. Rio de Janeiro, 2002.

SOARES, Edirrah Goret Bucar. MAUTONI, Maria Aparecida de Assis Gaudereto. **Conversando sobre o luto**. São Paulo: Ágora, 2013.

<sup>1</sup> Discente do Curso de Bacharel em Psicologia pela Faculdade Fidelis.

<sup>2</sup> Docente do Curso de Bacharel em Psicologia pela Faculdade Fidelis

# Resumos categoria Teologia

## O FENÔMENO DO TERCEIRO TEMPLO JUDAICO

Ivone Martins de Souza<sup>1</sup>  
Márcia R. Heuko<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo desta pesquisa consiste em descrever e analisar a estrutura dos símbolos de esperança que evocam o terceiro templo Judaico através da seguinte abordagem: exame da história do Templo e sua formação simbólica; análise do imaginário dos símbolos e ritos das sinagogas; aspecto dinâmico e categórico dos símbolos que preconizam a edificação do Terceiro Templo. A pesquisa é um estudo baseado na dissertação de Egivanildo Tavares da Silva, intitulada “O fenômeno do Terceiro Templo Judaico e os símbolos de esperança”, onde o autor trata da historiografia do Templo, suas simbologias, e a expectativa da instituição de um Terceiro Templo. O autor fundamentou as informações acerca do Templo no Tanach - texto considerado sagrado pelos judeus. A destruição do segundo Templo no ano 70 d.C. promoveu a segunda diáspora, que culminou com a substituição dos sacrifícios pelos símbolos sinagogais e inaugurou uma nova fase do judaísmo: o simbólico. A sobrevivência da religião judaica será garantida na instauração dos símbolos; os sábios rabinos, intérpretes da Torah, registraram a Torah oral, que se denominou de Mishná e Talmude (Malanga, 2005, p. 20). O Tabernáculo. Era uma tenda construída no deserto após o êxodo do Egito. Por volta do século XV os hebreus se acamparam nas encostas do Monte Sinai e segundo a narrativa bíblica (Êx 24—32), Moisés, seu líder, subiu ao monte e esteve quarenta dias na presença de Deus onde entre outras coisas, recebeu o projeto do Tabernáculo. O Templo. Por volta do século VI, emergiu o império neobabilônico (605-539 a.C.), sob a regência de Nabopalassar, pai de Nabucodonosor. Após um triunfo sobre a Assíria e o Egito, os babilônios conquistaram o reino de Judá tornando-os seus vassallos. As ameaças à segurança da nação se tornaram constantes, mas o povo se voltava para o Templo, a “casa do seu Deus” e garantia de proteção. Por fim os sitiados, consumidos pela fome, pela peste e pela quantidade de dardos que os inimigos lhes atiravam do alto das torres, cederam, e a cidade foi tomada. (Josefo, 1998, p. 249). O exílio para Babilônia, a destruição de Jerusalém e do Templo deram origem a Sinagoga e alguns feriados religiosos que se perpetuam até nossos dias. O segundo Templo. O Templo que Herodes construiu não é considerado um terceiro Templo, mas permanece como o segundo Templo, pois este não foi derrubado como o primeiro. Considera-se apenas uma reforma, não uma construção. A glória deste Templo foi tão imensa que Flávio Josefo descreveu que “a frente desse soberbo edifício parecia de um palácio real”. Segundo Kolatch (2007, p. 37) a destruição do segundo Templo tornou-se uma data de luto para os judeus. Há três semanas no meio do ano civil que o casamento judaico é terminantemente proibido. Trata-se das semanas, do dia 17 de tamuz (junho-julho) até 9 de av (julho-agosto), “foi durante este período no ano 586 a.e.c. que os muros de Jerusalém foram rompidos pela primeira vez e o Templo acabou sendo destruído”. O Terceiro Templo. Este fenômeno do Terceiro Templo se mantém latente no imaginário do povo judeu durante séculos, mas desde a década de oitenta vem tomando proporções, pois o que era apenas ideia passou a tomar forma, o que era projeto passou a materializar. O Terceiro Templo é o símbolo de esperança do povo judeu, pois sua possível construção equivale à materialização da sua fé e seu relacionamento com Deus.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tabernáculo. Templo. Sinagoga.

## **REFERÊNCIAS**

JOSEFO, Flávio. **História dos hebreus**. Trad. Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

KOLATCH, Alfred J. **Livro judaico dos porquês**. Trad. Dagoberto Mensch. São Paulo: Sêfer, 2007.

MALANGA, Eliana Branco. **A Bíblia hebraica como obra aberta: uma proposta interdisciplinar para uma semiologia bíblica**. São Paulo: Associação editorial Humanitas: Fapesp, 2005.

SILVA, Egivanildo Tavares da. **O fenômeno do Terceiro Templo Judaico e os símbolos de esperança**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014.

<sup>1</sup> Discente do Curso de Bacharelado em Teologia pela Faculdade Fidelis

<sup>2</sup> Docente do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis.

## PERSEGUIÇÕES DOS CRISTÃOS NO IMPÉRIO ROMANO

Ilda Sousa Santos<sup>1</sup>

Marcia Regina Heuko<sup>2</sup>

### RESUMO

As perseguições contra os cristãos constituem um dos acontecimentos mais estudados na História do Cristianismo e na História de Roma. São inúmeros os documentos existentes desde o início do segundo século de nossa era, tanto da parte dos pagãos, como da parte dos cristãos. Resumidamente relatar quais foram os imperadores e a época que perseguiram os cristãos. No Ano de 54 DC, Nero, ainda jovem tornou-se o 6º. Imperador romano, totalmente desequilibrado, após alguns assassinatos, vários atos de promiscuidade sexual, pede auxílio de um guarda para suicidar-se, e assim se livrar das mãos do inimigo. Possivelmente responsável pelo fogo em Roma em 64 e atribuiu esse crime aos cristãos, usou a situação do incêndio para perseguição aos cristãos. Após sua morte sucederam 06 imperadores, em 28 anos. Entre os anos de 69-79 foram do reinado de Vespasiano, o qual não há registro de perseguição aos cristãos. Após o reinado de Domiciano, seguiram 82 anos, com 04 longos reinados, entre eles Trajano que seria o apoiador da 3ª. perseguição aos cristãos e Marco Aurelio da 4ª. Durante quase 07 décadas, entre 180 e 249, não houve medidas de perseguição contra os cristãos, exceto o Sétimo Severo. Cômodo, filho de Marco Aurelio não se envolveu em disputa religiosas, isso porque tinha uma amante filocristã, chamada Márcia. Entre 235-238, o Maximino Trácio, foi o apoiador da 6ª. perseguição aos cristãos. Ele executou praticamente todos os auxiliares de Alexandre Severo, sendo muitos cristãos. Entre 249-251, Décio, general de renome, percebendo a decadência do império, preocupava com a unidade do império, reuniu as pessoas nas mesmas crenças religiosas, construindo templos para cultos pagãos. Porém, em Roma as igrejas dos cristãos estavam cheias, enquanto os templos pagãos vazios. Iniciou-se a perseguições aos cristãos, e a lei que regeu a perseguição foi a primeira lei válida para todo o império. Entre 253-260, Valeriano assumiu o poder, e nos 1º. anos de seu mandato não foi gentil com os cristãos. Lançou o edito obrigando todos os cristãos a tomar parte do culto aos deuses e, sob pena de morte, proibiu as reuniões, confiscou os cemitérios e as Igrejas e decretou que fossem exilados os bispos, padres e diáconos que não participassem das cerimônias oficiais, tudo isso devido ao protesto que foram feitos pelos moradores de Cesareia contra o senador que desrespeitava a religião local. No ano seguinte promulgou um novo edito, que ficava claro que ser cristão já era crime. Valeriano foi preso e executado pelos persas. Entre 284-305, Diocleciano, considerando os cristãos uma ameaça ao império, os tirou dos exércitos, corte, ordenado que todos os funcionários fizessem oferendas aos deuses, e quem recusassem deveriam ser expulsos e ao açoite. Emitiu um edito contra os cristãos, no mesmo dia que foi incendiado a igreja cristã defronte ao palácio imperial, mandou destruir igrejas, confiscar e queimar a Sagrada Escritura e os demais livros bíblicos, impedir as reuniões religiosas e confiscar bens eclesiásticos. Todos de uma aldeia foram ateados fogo, foi sem dúvida a maior perseguição dos cristãos. Sabe-se que houve perseguições e motins populares contra os cristãos, em diversas províncias do império, no entanto, o que se sabe dos acontecimentos em vilarejos distantes, em localidades maiores, quantos foram os cristãos encarcerados ou que perderam a vida? Fica aqui essa reflexão

**PALAVRAS-CHAVE:** Perseguição aos cristãos. Império Romano.

## **REFERÊNCIAS**

DEBONI, Luis Alberto. O estatuto jurídico das perseguições dos cristãos no Império Romano. Doutorado Em Münster/Alemanha. 2014.

<sup>1</sup> Discente do Curso de Bacharelado em Teologia pela Faculdade Fidelis

<sup>2</sup> Docente do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis.